

**ECTRODACTILIA EM CÃO: RELATO DE DOIS CASOS**

DA SILVA, A.B.P.<sup>1</sup>; MARQUES, M.M.<sup>1</sup>; FREIRE, M.R.<sup>1</sup>; MELLO, T.A.N.M.<sup>1</sup>; DA SILVA, F.F.S.<sup>1</sup>; CECARELLI, C.F.<sup>1</sup>; UNRUH, S.M.<sup>1</sup>; FONSECA PINTO, A.C.B.<sup>1</sup>; LORIGADOS, C.B.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> FMVZ-USP

E-mail: ana7.silva@usp.br

**Introdução:** A ectrodactilia é uma anomalia congênita rara caracterizada pela separação por tecidos moles entre os ossos da região distal de membros, especialmente os torácicos. Pode estar associada à aplasia ou hipoplasia dos ossos do rádio, ulna, carpos e metacarpos, sendo mais comumente unilateral. As causas podem ter base ambiental (agentes teratogênicos) ou genética. Embora o diagnóstico da anomalia seja efetuado com o exame físico, a adequada avaliação dos componentes osteoarticulares acometidos só é possível com o exame radiográfico. O presente trabalho relata os aspectos clínicos e radiográficos da ectrodactilia em dois cães. **Relato de casos:** Caso 1: cão macho, splitz alemão, dois anos de idade, foi atendido com dificuldade de deambulação. Ao exame físico foi diagnosticada ectrodactilia em membro torácico esquerdo. Ao exame radiográfico observou-se perda total da relação articular umeroradioulnar, incongruência articular carporradial e carpoulnar e afastamento entre 3° e 4° dígitos. Caso 2: cão macho, sem raça definida, dois meses de idade apresentando alteração morfológica em membros torácicos. Ao exame físico foi constatada ectrodactilia bilateralmente e desvio varo do membro direito. Ao exame radiográfico observaram-se afastamento interósseo em terço distal do rádio e da ulna, incongruência carporradial e carpoulnar e afastamento entre o 3° e o 4° dígitos em membro esquerdo. No membro direito observou-se quadro semelhante, porém com afastamento entre o 1° e 2° dígitos. **Discussão:** As alterações ósseas manifestadas na ectrodactilia podem ser variáveis. Os animais que cursam com aplasia, hipoplasia do rádio/ulna ou luxação do cotovelo tendem a manifestar impotência funcional do membro ou déficits deambulatorios, como observado no cão 1. O cão 2 apesar da bilateralidade da lesão, mantinha a função dos membros. Pouco se sabe sobre as repercussões destas alterações em longo prazo, na literatura há poucos relatos sobre o assunto. O tratamento cirúrgico para a ectrodactilia pode ser indicado. **Conclusão:** Apesar do diagnóstico da ectrodactilia ser clínico, a realização do exame radiográfico é fundamental, pois possibilita o adequado planejamento cirúrgico.

**INSTABILIDADE ATLANTOAXIAL EM CÃES: ESTUDO RETROSPECTIVO (2011-2014)**

MEIRELLES, C.<sup>1</sup>; FERREIRA, V.C.B.<sup>1</sup>; BECCARI, L.F.<sup>1</sup>; CECARELLI, C.F.<sup>1</sup>; DA SILVA, F.F.S.<sup>1</sup>; UNRUH, S.M.; FONSECA PINTO, A.C.B.C.<sup>1</sup>; LORIGADOS, C.A.B.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> FMVZ-USP

E-mail: meirelles.ca@gmail.com

**Introdução:** A instabilidade atlantoaxial pode ser decorrente de agenesia, hipoplasia, displasia, fratura do processo odontoide do eixo ou da alteração de ligamentos desta articulação. Animais jovens de raças toy e miniaturas são os mais acometidos e as manifestações clínicas dependem do grau de luxação e compressão medular. Os animais podem apresentar dor cervical, ataxia, tetraparesia/plegia, aumento dos reflexos espinhais e parada respiratória. O diagnóstico é obtido com a observação das manifestações clínicas e dos achados de imagem. O presente trabalho analisou a ocorrência desta alteração e os achados clínicos e radiográficos de cães portadores de instabilidade atlantoaxial. **Método:** Foi realizado estudo retrospectivo em um período de quatro anos (2011-2014) dos exames radiográficos e prontuários de cães com diagnóstico de instabilidade atlantoaxial de um hospital veterinário. **Resultados e Discussão:** No banco de registros utilizado e no período considerado houve nove casos de cães com instabilidade atlantoaxial. As raças de pequeno porte foram mais acometidas, nove casos e dois eram cães SRD. Em contraposição à literatura, os cães jovens de até nove meses de idade foram menos representativos, quatro enquanto cinco animais tinham entre 4 e 14 anos. Tal fato pode ser explicado pela compensação fornecida por estruturas fibrosas e musculares que preveniriam a gravidade da instabilidade atlantoaxial, pois com a idade e o enfraquecimento dessas estruturas a instabilidade pode aumentar e as alterações clínicas são desencadeadas. As manifestações clínicas mais observadas foram déficit de propriocepção, dor cervical, reflexos aumentados, ataxia e paresia/paralisia. O exame radiográfico mostrou seis cães com agenesia e três com hipoplasia do processo odontoide, em concordância com a literatura. Em cinco casos foi constatado o deslocamento dorsal do eixo em relação ao atlas. **Conclusão:** Observou-se que a agenesia foi a causa mais frequente de instabilidade atlantoaxial, sendo que as raças de pequeno porte foram as mais acometidas. Na maioria dos casos o diagnóstico foi realizado em cães com idade mais avançada. A radiografia foi essencial para a confirmação do diagnóstico permitindo a visualização da má formação do odontoide e a subluxação articular atlantoaxial.